

## UMA NOBRE MISSÃO: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS OFICIAIS DA POLÍCIA MILITAR NO ESTADO DO AMAZONAS

A NOBLE MISSION: THE TRAINING PROCESS OF MILITARY POLICE OFFICERS IN  
THE STATE OF AMAZONAS

UNA NOBLE MISIÓN: EL PROCESO DE FORMACIÓN DE POLICÍAS MILITARES EN EL  
ESTADO DE AMAZONAS

Lincon de Oliveira Bernardes<sup>1</sup>

Lucas Emanuel Bastos Polari<sup>2</sup>

Denison Melo de Aguiar<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda a formação da Polícia Militar do Amazonas (PMAM), com foco no processo de construção da identidade militar e nos métodos de treinamento empregados. O campo da segurança pública, em especial a formação de seus líderes, é complexo, sendo o desenvolvimento da identidade do oficial fundamental para sua trajetória profissional. A pedagogia militar é central nesse processo, sendo definida como a ciência e filosofia da práxis educativa fundamentada no militarismo que visa a conformação psicofísica, ética e moral dos sujeitos. Além disso, o adestramento visa forjar um perfil padrão, o qual valoriza a conformação psicossomática e a interiorização de valores normativo-legais, o discurso policial e o espírito de corpo. Por fim, A assimilação dos valores militares é analisada sob a perspectiva dos ritos de passagem e do alinhamento a cultura organizacional militar da PMAM na busca por um perfil do oficialato que se adapte ao sistema militar.

**Palavras-Chave:** Formação de Oficiais. Identidade Militar. Polícia Militar do Amazonas. Pedagogia Militar. Socialização Organizacional. Ritos de passagem. Hierarquia e Disciplina.

<sup>1</sup>Bacharel em Direito pela Universidade Federal Fluminense. Bacharel em Segurança Pública e Social pela Universidade Federal Fluminense. Cadete da Polícia Militar do Estado do Amazonas.

<sup>2</sup>Doutorando em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Mestre em Administração pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Bacharel em Direito pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA. Bel. em Segurança Pública e do Cidadão pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Oficial da Polícia Militar do Amazonas e Docente do curso de bacharelado em Segurança Pública e Cidadania na Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Este é Orientador do artigo.

<sup>3</sup>Pós-Doutor UniSalento (Itália-2024), Doutor em Direito. Doutor em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGD/ UFMG). Mestre em Direito Ambiental pelo Programa de Pós- Graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas (PPGDA/ UEA). Advogado. Graduado em Direito pela Universidade da Amazônia (UNAMA/PA). Professor de ensino superior do curso de Direito da UEA. Professor da Academia de Polícia Militar do Amazonas (APM-PMAM). Professor de ensino superior do Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (CIESA). Coordenador da Clínica de Mecanismos de soluções de Conflitos (MARbiC/UEA). Coordenador da Clínica de Direito e Cidadania LGBTI (CLGBTI/UEA). Coordenador da Clínica de Direito dos Animais (YINUAKA-UEA). Editor-chefe da Revista Equidade. Integrante do Grupo de pesquisa Desafios do Acesso aos Direitos Humanos no Contexto Amazônico da Escola Superior da magistratura do Amazonas (ESMAM). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, cidadania e Direitos Humanos (PPGSP/UEA). Este é co-orientador do artigo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9956374214863816>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5903-4203>.

**ABSTRACT:** This article addresses the formation of the Military Police of Amazonas (PMAM), focusing on the process of constructing military identity and the training methods employed. The field of public security, especially the training of its leaders, is complex, and the development of the officer's identity is fundamental to their professional trajectory. Military pedagogy is central to this process, being defined as the science and philosophy of educational praxis grounded in militarism that aims at the psychophysical, ethical, and moral conformation of individuals. Furthermore, training aims to forge a standard profile, which values psychosomatic conformation and the internalization of normative-legal values, police discourse, and esprit de corps. Finally, the assimilation of military values is demonstrated from the perspective of rites of passage and alignment with the PMAM's military organizational culture in the pursuit of an officer profile that adapts to the military system.

**Keywords:** Officer Training. Military Identity. Military Police of Amazonas. Military Pedagogy. Organizational Socialization. Rites of Passage. Hierarchy and discipline.

**RESUMEN:** Este artículo aborda la formación de la Policía Militar de Amazonas (PMAM), centrándose en el proceso de construcción de la identidad militar y los métodos de entrenamiento empleados. El campo de la seguridad pública, especialmente la formación de sus líderes, es complejo, y el desarrollo de la identidad del oficial es fundamental para su trayectoria profesional. La pedagogía militar es central en este proceso, definiéndose como la ciencia y filosofía de la praxis educativa, basada en el militarismo, que busca la conformación psicofísica, ética y moral de los individuos. Además, el entrenamiento busca forjar un perfil estándar, que valora la conformación psicosomática y la internalización de valores normativo-legales, el discurso policial y el espíritu de cuerpo. Finalmente, se analiza la asimilación de valores militares desde la perspectiva de los ritos de paso y la alineación con la cultura organizacional militar de la PMAM, en la búsqueda de un perfil de oficial que se adapte al sistema militar.

**Palabras clave:** Formación de Oficiales. Identidad Militar. Policía Militar de Amazonas. Pedagogía Militar. Socialización Organizacional. Ritos de Pasaje. Jerarquía y Disciplina.

## INTRODUÇÃO

O campo de segurança pública é abrangente de várias maneiras, em especial na formação do oficialato. Castro (2004) salienta a construção da identidade militar de um oficial como elemento de fundamental importância na trajetória do cadete ao ingressar na carreira do oficialato. Diante disso, o processo de formação desse indivíduo se torna o alicerce de sua vida profissional futura.

Além disso, ressalta-se a importância da formação de um oficial da polícia militar, por meio de uma socialização organizacional, sob a óptica da introdução à cultura militar. Conforme Brito e Pereira (1996, p.138-165), tal viés traz a luz a utilização de determinados métodos para forjar militares que lidam sensivelmente com a restrição de direitos, combate a criminalidade, controle de emoções diante de situações tensas. Dessa forma, a cultura organizacional militar,

através da socialização, molda e reforça valores, comportamentos e normas esperados dos combatentes, garantindo coesão e eficácia da instituição.

Outrossim, os ensinamentos dentro de um curso de formação se internalizam no indivíduo, e ao serem assimilados diariamente no quartel militar, há a delimitação dos significados que influenciam nos diferentes âmbitos da vida profissional militar. Portanto, a transição do elemento civil para o militar aborda, empiricamente, a adesão das significações do que é ser um oficial da polícia militar do Amazonas.

Por fim, a pedagogia militar ao ser empregada pelos agentes que detêm o poder de adestramento, desempenha um papel crucial no desenvolvimento de habilidades e competências dos recrutas. Nesse ínterim, traz a tônica que dar o contorno de como ela se apresenta e ordena as atividades dos indivíduos sujeitos a este meio ora de ordenamento ora de coerção. Assim, tal relevância da pedagogia militar foi mais bem explorada por Veiga e Souza (2019, p.xx) conforme trecho abaixo:

Podemos afirmar, portanto, que a pedagogia militar é a ciência e filosofia da práxis educativa fundamentada no militarismo cujo objetivo é a conformação psicofísica, ética e moral dos sujeitos, a fim de que sejam úteis à reprodução de um determinado status quo. Tal pedagogia é pautada na coerção como principal instrumento de controle social. Para isso, toma como estratégia de obtenção do consentimento ativo dos educandos o fomento ao medo e a apologia de superioridade do militar. Assim busca alcançar a legitimidade da ação pedagógica que, enfim, funciona como mecanismo de controle dos comandados.

3

O conceito de adestramento militar, conforme Veiga e Souza (2019, p. 12-13), o militar em formação - aluno oficial - ao incorporar nas fileiras da tropa é forjado, através da educação militar com a finalidade de alcançar um perfil padrão. Nesse meio, a pedagogia militar tende a valorizar a consecução de objetivos com a ajuda da conformação psicossomática, ou seja, a relação entre mente (psico) e o corpo (físico). Desse modo, torna-se imperioso os métodos de introdução do militarismo, principalmente seus valores normativo-legais, discurso policial, interiorização do espírito de corpo e camaradagem, entre outros.

Convém destacar o discurso policial que tem grande importância na práxis de seu cotidiano, pois se estabelece diariamente na atuação contra a criminalidade no geral. Nessa toada, esse aspecto traz o arcabouço militarizado formal, mesclado ao empirismo, do policiamento preventivo de segurança e seu impacto no jovem militar em processo maturação.

O controle sobre a tropa, militarizada, com base na hierarquia e disciplina, elucida a composição homogênea de um perfil - militar - com base em comportamentos específicos, naturalmente esperados. Consoante a Foucault (1975), em sua obra "Vigiar e Punir", no cerne da "vigilância hierárquica" há uma arquitetura social que se estabelece como operadora sobre o

comportamento dos indivíduos, os dominando e “docilizando”, agindo assim como catalisador de suas ações. Por fim, um ambiente escolar militarizado tende a funcionar como um campo de experiências e triagem de perfis que se adequam ao perfil desejado dos comandantes de tropas.

Em suma, ao serem implementadas etapas num plano de ação estratégico, tem como objetivo alcançar a maturidade militar em meio a diminuição de “vícios civis”. Assim, a transformação do indivíduo “civil” em “militar” é um processo gradativo e disruptor que desafia e modifica paradigmas mentais antes associados a uma forma diferente de viver a vida.

A relevância deste trabalho está na necessidade de compreender o processo de formação, adestramento, dos oficiais da polícia militar do Amazonas. Dessa forma, entender como se dá a interiorização dos valores e práticas militares na caserna. Outrossim, o impacto que as metodologias aplicadas se coadunam na busca por um perfil de oficial.

Ademais, busca-se compreender se os métodos de treinamento aplicados na formação do Cadete da Polícia Militar do Amazonas (PMAM) estão, de fato, alinhados com o perfil de oficial exigido e idealizado pela instituição. Nesse sentido, será analisada a adequação da pedagogia de formação na construção da identidade e das competências necessárias para função de comando.

O objetivo geral desta pesquisa é descrever a formação dos oficiais da polícia militar do Amazonas, focando nos métodos de treinamento e seu impacto no comportamento e na prática policial. Tem-se como objetivos específicos: 1. Dissertar sobre os métodos de treinamento utilizados na formação dos oficiais da polícia militar; 2. Discorrer sobre o perfil do oficialato dentro da PMAM; 3. Explicar a interiorização dos valores militares e impacto na criação da identidade militar do oficial no contexto da oficialidade do Amazonas.

4

## MÉTODOS

A pesquisa tem natureza qualitativa descritiva, com base na avaliação comportamental dos cadetes em sua inserção na vida militar e como assimilam os valores militares durante o curso de formação de oficiais (Godoy, 1995).

Esse artigo científico tem caráter explicativo tendo em vista compreender o impacto da inserção dos valores militares e descrever o processo de socialização organizacional através de uma ênfase na hierarquia, disciplina, identidade militar, no contexto da PMAM (Bispo, 2006). O método de pesquisa bibliográfico tem como base literatura militar, pedagogia militar, os ritos

de passagem e a socialização dentro da cultura organizacional militar na busca de traçar um perfil almejado de oficial referente a instituição.

## RESULTADOS

O processo de formação e socialização organizacional revela-se determinante para edificação da construção da identidade dos oficiais da polícia militar amazonense, o que influencia de forma direta nos seus valores, comportamentos e eficiência na função de comando.

### 2. MÉTODOS DE TREINAMENTO UTILIZADOS NA FORMAÇÃO DOS OFICIAIS DA POLÍCIA MILITAR

Para compreender a inserção dos valores militares na passagem da vida civil para militar, a pedagogia militar torna-se núcleo essencial de um sistema organizacional. Nesse contexto, pra entender tal pedagogia é preciso salientar o termo militarismo como expressão carregada de valores principalmente pautados nos princípios basilares da hierarquia e disciplina.

O militarismo em sua etimologia em francês decorre da palavra militaire, ou seja, militar ou “relativo ao exército”. No latim, *militaris* se refere a exército ou á guerra, junto do sufixo “ismo”, indica uma ideologia, doutrina. Desse modo, pode se analisar enquanto ideologia dos exércitos na qual se constrói todas as ramificações do ser militar. De acordo com Veiga e Souza (2014, p.11): “militarismo é uma representação orgânica carregada de valores, de cultura e de uma identidade própria. Por esse caráter dogmático, entendemos que para além de uma organização hierárquica, de gestão burocrática, centralizada e hierarquizada, há uma filosofia que ancora tal organicidade.”

O adestramento, métodos de treinamento, se valem de metodologias específicas para inserir valores militares no cadete que inicia sua carreira. Nesse ínterim, na APM os alunos oficiais ao ingressarem na instituição após a aprovação no concurso público passam por um processo de inserção ao meio militar. Sob essa perspectiva, o cadete do primeiro ano participa para além das aulas ministradas no conteúdo programático também da pedagogia militar externa ao ambiente da sala de aula.

A ambientação até pouco tempo candidato aprovado no concurso público passa por uma transição que despe o ex-civil e em estado bruto e inicia-se a lapidação para transformá-lo em um militar da instituição. Nessa toada, o impacto inicial nos primeiros dias é a mudança de horário de trabalho, a apresentação da tropa nos primeiros meses tende a ser em horários matutinos para imprimir um choque de realidade ao modus de ser militar.

O Marco inicial das atividades militares se refere ao comportamento militarizado e padronizado, a busca pela homogeneidade e redução dos individualismos. Nesse sentido, a ordem unida é um dos contatos iniciais da ritualística de engajamento a tropa, pois se utiliza do exercício físico repetitivo para criar memória sinestésica e obediência a comandos. Dessa maneira, o cadete ainda vestido do manto de “bicho” adentra no sistema militar, com valores e cultura próprios, sob dogmas da disciplina e hierarquia, ambos eivados de máximas incontestáveis. Segue abaixo conforme Veiga (2019, p.11):

No militarismo existe um dogma que, como na religião, não deve ser contestado, sob pena de colapsar o sistema. Com isso, a cultura militar é eivada de valores próprios, pautados na hierarquia e disciplina, que trazem consigo características como obediência, submissão, belicismo, dominação, força etc. que visam à manutenção e reprodução do militarismo como um sistema. (VEIGA, 2016).

O pátio de formatura é um locus de possibilidades da denominada pedagogia informal (SILVA, 2009), no qual a “pagação”, “vibração”, se consolidam como meio de estimular valores importantes, por exemplo, espírito de corpo. Tal valor é aventado como unificador de tropas, posto a prova a cada erro individual e punição coletiva por algum tipo de “bizonhice” termo do jargão militar para erros primários.

A divisão das cadeiras na sala de aula também tem significado importante no fortalecimento de laços entre cadetes, pois a partir de uma divisão de colunas e fileiras formam-se “cangas”. Tal termo refere-se a formação de duplas entre cadetes, os quais ficam responsáveis entre si no deslocamento juntos das missões mais simples a mais complexas. Por fim, o objetivo dessa divisão em duplas tende a mostrar que o cadete não está sozinho, mas incluído em uma força auxiliar atuante que necessita de trabalho em equipe, nunca atuando sozinha.

O trânsito no ambiente externo exige determinado padrão de comportamento exigido de um futuro oficial. Nesse sentido, ao deslocar-se o cadete deve andar com as mãos para trás, postura ereta, e ao encontrar um superior hierárquico prestar continência.

Ademais, noutro plano, o uniforme de um futuro oficial deve estar em total conformidade com os padrões altos de exigência de alinhamento. O fardamento se torna o espelho da disciplina consciente da apresentação individual. Sob essa perspectiva, a inspeção matinal na apresentação da tropa para o oficial de dia é um momento de aprovação ou desaprovação, com represálias escolares em caso de descumprimento.

A figura do xerife ou chefe de turma em termos práticos se coaduna com a função de comando dentro do pelotão, companhia ou batalhão acadêmico. A construção de um futuro oficial, comandante se inicia com a preenchimento de pecúlios, tirar faltas, exercer a disciplina

sobre os pares e controle do efetivo e materiais. Além disso, o chefe de turma fica responsável por exercer os comandos no desfile da tropa para o comandante da Academia, formatura solene, que irá em diferentes ocasiões ficar ao encargo do oficial em sua carreira nas diferentes OMs (organizações militares) que fizer parte.

Sob essa lógica, a figura do Batalhão Acadêmico espelha a estrutura hierarquizada e dividida em setores que o cadete irá encontrar após a concretização do curso de formação de oficiais. Ao exercitar desde cedo as diferentes funções que irá encontrar na área de serviço operacionalmente e administrativamente o futuro comandante da tropa de forma analógica se familiariza com a responsabilidade que irá exercer diariamente.

O cumprimento das missões pelos cadetes é avaliado através do denominado Fato observado (fato observado), o qual serve como reprimenda escolar do ponto de vista negativo ou ao contrário enquanto revelador de algum ato positivo. Tal quantidade de FOs servem como termômetro de absorção dos preceitos militares incutidos diariamente no cadete, indicando maior ou menor enquadramento as regras impostas pelo coro de alunos.

A sanção é um dos instrumentos metodológicos mais significativos da experiência diária na APM, pois tem o condão de reprimir atos distoantes do padrão estabelecido como aceitável de disciplina. De acordo com Silva (2009, p. 208):

O ritual da punição disciplinar, nesse sentido, pode ser observado sob o prisma da performance como um drama teatral. Ali, a emoção dos cadetes é canalizada para reforçar os valores institucionais num discurso em que o corpo simbólico daqueles que trazem consigo os antivalores institucionais serve de metáfora, quando da marcação do desviante.

Nesse sentido, cabe assinalar que a rotina na academia que mescla aulas teóricas, práticas e técnicas militares consome tempo e energia proporcionais ao nível de responsabilidade de um futuro oficial. Dessa forma, o expediente rotineiro exigente tende a ser cansativo do ponto de vista físico e psicológico devido ao alto nível de cobrança em relação a excelência.

O expediente da OPM em sua normalidade funciona de segunda a sexta, alternando-se o horário ao longo da semana ou necessidade de serviço. Todavia, a saída da unidade na sexta-feira é entendida como uma concessão que pode ser sustada de acordo com o comportamento escolar do cadete e eventualmente haver a punição de cumprir uma lição cassada internamente na Academia. De acordo com Silva (2009, p. 206), o “(...) ritual da punição disciplinar acontece normalmente nesse contexto emocionalmente especial, já que o dia da liberação de fim de semana ocorre após um intenso período em que os cadetes estiveram mergulhados na rotina da



caserna. Assim, os cadetes têm a chance de se despirem das amarras da ordem militar, pelo menos enquanto durar o final de semana letivo (...).”

Por fim, encontrar um ponto de equilíbrio entre a vida na caserna e a antiga vida civil torna-se um dos pontos fundamentais na apreensão da nova realidade que o cadete está inserido. Os métodos de treinamento militar tornam necessário a adoção de mecanismos psicológicos e comportamentais que se adaptem a confrontação de dois mundos diferentes, o civil e o militar. Ademais, o ambiente civil cada vez mais se torna na rotina de um curso de formação de oficiais escasso, o que tende a sofrer uma hipervalorização nas licenças de saída aos finais de semana. A recompensa pela conformação a realidade militar, as regras, regulamentos e normas impostos são proporcionais ao empenho visto pelos instrutores na adequação a vivência organizacional.

### 3. VALORES MILITARES E IDENTIDADE MILITAR DO OFICIAL NA PMAM

A assimilação dos valores militares pelos novos recrutas tem especial importância para a construção do ethos militar que acompanhará a carreira do futuro oficial. Nesse sentido, Arnold Van Gennep (1909 apud DaMatta 2000), em sua obra “Os ritos de passagem”, destrincha as diferentes etapas dos rituais de passagem. Desse modo, salienta três fases imprescindíveis apropriadas pela antropologia militar, são elas: separação, liminaridade e reintegração.

8

A iniciação nas academias militares em sua grande maioria segue uma vertente bem similar que carrega intrinsecamente em si uma carga de simbolismo. Em primeira análise determinadas ações podem passar despercebidas se olhadas apenas de relance pelos ditos “civis”, todavia nada é por acaso ou sem finalidade no processo “civilizatório militar”. Assim, os processos simbólicos como padronização de corte de cabelos, barba raspada, e recebimento de uniformes, além da parte física segue um modelo predefinido de gestação de um militar.

A denominada “semana zero”, conhecida por ter um caráter intenso de cobranças, rusticidade, pressão psicológica é um dos pontos de maior impacto na socialização militar. Esse ritual de iniciação extremado que remonta as tribos indígenas em seus tem como objetivo de construir a disciplina, reforçar laços de lealdade e companheirismo, quebrar as individualidades em detrimento do espírito de corpos causar efeitos de longa duração no psicológico do cadete.

A separação como explica Van Gennep (1909 apud DaMatta, 2000), é a retirada do indivíduo do mundo civil e a sua inserção a etapa inicial do militarismo, ou seja, a homogeneização de condutas, aspectos físicos padronizados e treinamentos físicos intensos. A fase inicial tende a ser uma experiência para muitos indivíduos um teste de aptidão emocional



e física a rusticidade que será imposta e a resposta adequada que se espera dela diante do perfil a ser alcançado.

Ademais, vencida a separação, o cadete se encontra diante de uma fase denominada liminaridade, a qual o cadete está em estado de transição entre abandonar sua vida civil e se inserir na vida militar. Submetido a vigilância constante de atitudes e comportamentos, rotina física exigente, aspecto mental posto a prova com a dita “carga”. De acordo com DaMatta (2000, p.10):

A idéia de liminaridade liga-se ao livro de Arnold Van Gennep, *Les Rites de Passage*, publicado em 1909. Haveria muito o que falar sobre essa obra magistral, repleta de idéias novas e marcada por uma enorme erudição, na qual, pela primeira vez, os ritos são analisados sociologicamente, sendo tomados como expressões da dinâmica social. Nele, Van Gennep rompe pioneiramente com a universalidade da fisiologia como característica dos chamados “ritos de puberdade”, resgata os ritos de passagem do seu plano de estudo individual e descobre, um tanto surpreso, que “dentro de uma multiplicidade de formas conscientemente expressas ou meramente implícitas, há um padrão típico sempre recorrente: o padrão dos ritos de passagem” (cf. Van Gennep 1978:191). Um padrão que implicava três fases nitidamente distintas: separação, incorporação e, entre estas, uma fase liminar, fronteira, marginal, paradoxal e ambígua — um limem ou soleira — que, embora se produzisse em todas as outras fases, era destacada, focalizada e valorizada.

O objetivo de tais processos simbólicos tem como característica fundamental eliminar a individualidade e construir uma consciência coletiva que tenha seu enfoque nos valores militares como a obediência, hierarquia, combate. A ritualística se nutre no contexto militar da profundidade que a união do rigor no aspecto físico e psicológico tem de marcar o indivíduo para criar um senso de pertencimento, lealdade, compromisso com a instituição a que serve e obediência incondicional a hierarquia.

Por fim, há uma desconstrução da identidade civil em detrimento da formação da identidade militar, todavia ainda em estado ambíguo ou frágil devido ao choque de duas concepções de mundo diferentes. Outrossim, a identidade militar ainda não está formada em sua plenitude, o que caracteriza a falta de um status definido do eu do indivíduo. Nessa toada, conforme Castro (2015, p. 05):

Ao ingressar na academia militar, o jovem é submetido a um processo de construção da identidade militar que pressupõe e exige a desconstrução de sua identidade “civil” anterior e a construção de um “eu” militar. Mesmo quando transita pelo assim chamado “mundo civil”, o militar não deixa de ser militar pode, no máximo, estar vestido à paisana.

O contraste de dois mundos antagônicos do ponto de vista comportamental é marcado pela ruptura da individualidade para transição de assimilação da identidade militar na denominada fase de adaptação. Sob essa perspectiva, tal fase é a desvinculação do ambiente externo e a imposição do internato para aceleração para se assimilar os valores e cultura militar

presentes no interior da caserna. Conforme Castro (2015, p. 4), “(...) o período inicial, enganosamente chamado “de adaptação”, é repleto de exemplos de ruptura simbólica com o mundo exterior. Desde o primeiro momento, entram em ação mecanismos daquilo que Erving Goffman chamou de “mortificação do eu”, que retiram do indivíduo seu “kit de identidade” anterior.”

O termo “família militar” utilizado por Castro (2015) descreve como o processo de construção da identidade militar é um processo que envolve a desconstrução da identidade “civil” nas Academias Militares. Tal conceito de família desponta como elemento agregador de uma nova concepção de socialização que o meio militar impõe ao indivíduo. A mudança que vai além do mundo intramuros do quartel vai sendo absorvida inconscientemente e se desdobra nos encontros sociais, lugares que frequentam, encontros de famílias. De acordo com Castro (2015, p. 5):

Na vida militar, para além do ambiente de trabalho, os locais de moradia, de lazer e de estudo são também, em grande medida, compartilhados. Essa característica estende-se para cônjuges e filhos, englobando toda a “família militar”. A interação social endógena é estimulada, tanto formalmente, através eventos de confraternização organizados pela instituição, quanto informalmente, através de encontros sociais organizados por colegas militares. O papel das esposas (e, em certa medida, dos filhos) é fundamental.

Nesse ínterim, com a introdução do regime de internato, com horários reduzido, saídas controladas e rígido controle tende a potencializar a diminuição de seus laços familiares . Dessa maneira, o cadete passa por um processo de socialização profissional, ou seja, socialização secundária que recria no ambiente da caserna uma espécie de socialização primária devido a sua forte carga emocional de isolamento do mundo paisano. “A relação contrastante e permanentemente reafirmada entre um “aqui dentro” e um “lá fora”, com a devida percepção de suas diferenças, é o aspecto fundamental do processo de construção social da identidade do militar a que estão submetidos os cadetes (...)”. (Castro, 2015, p,4).

A inserção de um sistema de crenças, valores militares e práticas tornam-se fundamentais na criação de uma consciência coletiva que busca coesão e a formação de futuros comandantes. O ambiente da academia é o laboratório perfeito para inculcar a disciplina e hierarquia exigidos na vida militar, pois os militares em formação vivem sobre constante vigilância e controle. Portanto, o corpo de alunos pode influenciar sobre maneira, de acordo com o retorno recebido pelos métodos utilizados entre “apertar” o curso, identificar indivíduos “fora do padrão “, ou mudar a rota que está sendo ministrado o ensino.

A reintegração marca o fim do ritual de passagem militar, o que significa o retorno do cadete agora “militar” e o fim da sua vida “civil”. Nessa toada, após vários testes que envolvem

a parte física e emocional o cadete é recepcionado enquanto um membro ativo já inserido na cultura militar. As formaturas como espadim, troca de luva, servem como instrumento de celebração que marca a transição.

#### 4. O PERFIL DO OFICIALATO DENTRO DA PMAM

A busca por um perfil de profissional na gestão de segurança pública para cargos de comando tem como fundamento principal selecionar características específicas para preenchimento do cargo de oficial. Nessa monta, do ponto de vista cognitivo, técnico, psicológico, a seleção tem como escopo a utilização de provas teóricas e práticas de acordo com os interesses institucionais. Dessa forma, a fase de seleção auxilia a organização militar no filtro dos candidatos ao cargo e suas atribuições em termos da finalidade e estruturas componentes da cultura organizacional.

Sob essa perspectiva, a cultura organizacional militar trás em si a ideia de identidade própria, ambiente e clima da organização. Nesse sentido, em uma dimensão subjetiva se atrela as significações que os indivíduos tem em relação a realidade e a percepção dos ritos, crenças e valores que estão imbuídos no militarismo.

As organizações militares são carregadas de normas, valores e comportamentos intrínsecos a sua realidade, o que pode muitas das vezes ser completamente diferente da generalidade de outros órgãos. Todavia, o militarismo com sua carga milenar estabelece diretrizes que ao serem cumpridas pelos seus componentes se retroalimenta de sua própria identidade carregada de valores e simbologias que são amplamente utilizadas para gerar coesão institucional através dos indivíduos.

O perfil buscado dentro da instituição militar está intimamente ligado a especificidades dos grupos sociais que se delimitam pelas ideologias de pertencimento, proatividade, valores, heroísmo. A história da organização, hinos, conquistas, heróis e símbolos, têm o condão de moldar a sua estrutura formadora de novos membros. Assim, tende a selecionar através de métodos de treinamento, conhecimento teóricos os que se adaptam. “Nas organizações como grupo social delimitado, o mito também resgata e torna viva a imagem de heróis e de indivíduos carismáticos, e memoriza as façanhas da organização e dos atores produtores das ideologias organizacionais. Os heróis organizacionais são indivíduos que desempenham papéis organizacionais” (Brito e Pereira, 1996, p.142).

O processo de inclusão do cadete na organização passa por uma fase de transição e de assimilação de um papel social dentro de uma nova realidade. Nesse sentido, o processo de socialização se utiliza de ritos organizacionais que espelham as características homogêneas dentro da sistemática militar da gestão e comando. Por fim, é através de etapas de lapidação e desenvolvimento funcional que o iniciante no militarismo já será imbuído de grande responsabilidade de se tornar um futuro comandante da instituição. “No contexto organizacional, os ritos de passagem facilitam a transição de pessoas para estados e papéis, seja no caso de iniciação nas organizações, seja no retreinamento de pessoal. Esses ritos trazem como conseqüências latentes a minimização das resistências à incorporação dos novos papéis sociais e o restabelecimento do equilíbrio das relações sociais em processo.” (Brito e Pereira, 1996, p. 144).

O desenvolvimento e a lapidação profissional e militar do cadete configuram processos intencionais de ruptura com a vida civil, considerando a grande responsabilidade inerente ao futuro posto de comando. Nessa perspectiva, a função latente dos ritos de passagem é reduzir as resistências à incorporação dos novos papéis, assegurando que o indivíduo não só compreenda as estruturas da organização, mas também se perceba legitimado e apto a exercer a liderança que o oficialato demanda.

12

O processo de socialização se dá através da aprendizagem sobre as estruturas e organização da instituição que de forma inconsciente são apreendidos pelos indivíduos. Outrossim, as regras, restrições, limitações são internalizadas por meio do ensino de valores e normas com status de verdade. Além disso, a profunda imersão na cultura organizacional assegura, portanto, que a conduta dos cadetes seja prontamente orientada por um arcabouço normativo internalizado, mesmo em cenários de alta pressão, constituindo-se, desta forma, em elemento crucial para o desenvolvimento da maturidade operacional. Por fim, essa conformação psicossomática busca elidir a hesitação, convertendo princípios em reflexos condicionados que habilitam o futuro oficial ao comando com a coerência, eficácia e lealdade institucional exigidas.

A socialização organizacional tem como finalidade a renúncia de valores, atitudes e comportamentos do mundo civil em detrimento de novas condutas, valores e normas que devem ser aprendidos por novos membros alinhados aos da organização militar. Dessa forma, para que participe de forma ativa enquanto membro da organização, o que envolve conhecer e se alinhar aos objetivos básicos e estratégias disponíveis para alcançá-los e acima de tudo a responsabilidade advinda de seu papel. Além disso, ao se enfatizar a importância da gestão de

padrões comportamentais e assimilação de papéis, destaca-se a manutenção da identidade militarizada da organização. Conforme descreve Brito e Pereira (1996, p. 147):

Normalmente, esse processo envolve o conhecimento dos objetivos básicos da organização, as estratégias para seu alcance, as responsabilidades básicas do papel, os padrões de comportamento necessários para o efetivo desempenho no papel e uma série de regras ou princípios inerentes à manutenção da identidade e integridade da organização (Schein, 1988:54). Do ponto de vista organizacional, o processo de socialização gera uniformidade comportamental e aderência aos valores, desenvolvendo, assim, uma base para a cooperação e estabilidade do sistema. Do ponto de vista dos novos integrantes, o processo reduz a ambigüidade de papéis, e aumenta sensação de segurança (de fazer parte), visto que as expectativas da organização são atendidas e há uma redução do estado de ansiedade, à medida que os indivíduos aprendem as exigências organizacionais (normas e valores) e ultrapassam as fronteiras organizacionais.

O cadete é visto como um indivíduo que necessita de orientação, um novato, aprendiz dos meios e processos organizacionais que permeiam a instituição. Nesse sentido, a atenção para o novo é redobrada assim como as cobranças e estratégias de socialização. Dentre as estratégias, destacam-se as coletivas, as quais são dotadas de experiências idênticas para que se possa identificar desvios ou eventuais resistências dos novos integrantes. Todavia, dentro das atividades diárias os indivíduos fatalmente se encontram em situações em que a maior parte de sua convivência social ocorre em grupos. Nesse meio, devido a forte interação social os leva fatalmente a cumprir as expectativas e demandas do grupo em que está inserido.

13

As experiências dentro do curso de formação em meio a transição do papel civil para o militar denotam a adesão a cultura organizacional e a sua identidade. “A fase de margem ou liminar é aquela onde ocorrem as transformações propriamente ditas. O indivíduo já se encontra isolado do seu espaço territorial inicial, mas pertence ao meio futuro e, assim, as características dos indivíduos são necessariamente de natureza ambígua, pois não se referem nem a um estado nem a outro” (Brito e Pereira, 1996, p. 144). Nesse ponto, a identidade militar é um construto ainda inacabado de acordo com o estágio do curso por meios módulos que moldam comportamentos, valores e ditam normas. Assim, busca-se um produto final que seja um aspirante a oficial dotado de forte controle emocional, adaptabilidade e conformação psicossomática aos desafios encontrados na realidade amazonense.

Ademais, a etapa liminar, enquanto processo contínuo, submete o cadete a provas físicas, técnicas e psicológicas que forjam a lógica institucional e impactam sua trajetória, desde a definição da antiguidade até o desempenho na prática policial. Sob essa perspectiva, a rotina rígida, a intensa convivência coletiva e a dinâmica competitiva atuam como eixos pedagógicos essenciais para sua nova condição. Assim, a internalização dos ritos, símbolos e princípios, por

exemplo, a hierarquia, a cultura da missão e a disponibilidade ininterrupta, capacita o futuro oficial a operar sob forte estresse e em cenários de alta complexidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo demonstrou que o processo de formação e socialização organizacional dos oficiais da polícia militar do Amazonas é determinante para a construção de sua identidade militar. Sob essa óptica, a pedagogia militar alicerçada em métodos de treinamento e nos ritos de passagem intrínsecos a vida dentro da caserna no que tange a separação, liminaridade e reintegração atuam como mecanismos de conformação psicossomática e de “mortificação do eu civil” em detrimento do nascimento do padrão militar.

Ademais, a coerção e coesão institucional tendem a moldar valores, comportamentos e as competências específicas do cadete. Desse modo, é imprescindível a adequação da implementação desses métodos ao filtro do perfil de comando almejado pela PMAM, pois tende a influenciar diretamente na eficácia da práxis policial do oficial no contexto amazonense.

A trajetória do cadete é delineada por um rigoroso processo de socialização organizacional, cuja finalidade é garantir a pronta e integral adesão do indivíduo à cultura militar. Nesse sentido, a internalização dos ritos, símbolos e princípios, como a hierarquia, a disciplina e a cultura da missão, garante que a identidade militar do cadete seja forjada em um contexto de rotina rígida e competição acirrada. Embora inicialmente ambígua, essa imersão progressiva consolida a nova identidade profissional do indivíduo. Tal internalização não é apenas um processo passivo de memorização, mas uma reengenharia comportamental e psicológica de ruptura a partir de processos graduais ou acelerados diante do ambiente militar e da realidade institucional no que tange a organização de efetivo, setores, gestão de pessoal, etc.

O processo de internalização de valores e das normas militares, conforme os princípios fundamentais da hierarquia e disciplina, pode gerar tensões quando confrontada com a complexa realidade social amazonense. Além disso, o foco na obediência muitas vezes cerceada de qualquer tipo de questionamentos nem sempre prepara o oficial para lidar com as diversas nuances dos conflitos urbanos, a multifacetada realidade social e os desafios de realizar policiamento em áreas de difícil acesso na Amazônia. Por fim, equalizar a formação de um policial que não se restringe apenas ao rigor da palavra, mas se cerca do status e significado de ser militar também, tal fato torna-se um desafio no que tange a capacidade de se desenvolver uma autonomia no exercício de sua autoridade enquanto operador de policiamento para que não

se engesse a figura do oficial apenas como um mero cumpridor de ordens desde a sua mais tenra formação no que tange ao processo de refinamento da busca pelo perfil de oficialato almejado.

Outrossim, o desafio da PMAM reside na necessidade de refinar sua pedagogia de formação contínua de novos oficiais, seja por meio da transformação de seus ritos de passagem e socialização organizacional para que não se prenda apenas em vetores formadores de identidade militar, mas para além disso como uma ferramenta que desenvolva inteligência emocional aprimorada para o contexto policial. Nesse ínterim, busca-se não somente como objetivo que por meio de uma intensa socialização se vise um conformismo diante da ordem interna, mas se adapte a complexidade socioambiental do estado do Amazonas.

No contexto do Amazonas, a práxis policial é marcada por diversos desafios logísticos e socioculturais que testam a adaptabilidade da sua formação teórica oriunda da Academia. Sob essa perspectiva, se torna necessário transpor a rigidez militar identitária dentro da caserna para a realidade de um cidade densamente povoada e culturalmente diversificada como Manaus, populações ribeirinhas, áreas de selva ou isoladas por meio de uma atuação na qual o uso da força deve ser ponderado diante de uma mediação intercultural com povos indígenas e comunidades tradicionais.

Ademais, com avanço de uma polícia de proximidade a relevância de se compreender o diferente dentro de suas peculiaridades, o micro regionalismo presente em diversas cidades do interior muitas das vezes isoladas somam-se ao desafio do oficial recém formado e ainda em construção no exercício da atividade policial que abarque os anseios institucionais em consonância com a segurança presente e que se deve irradiar para todo o território amazonense ultrapassando os limites e espaços territoriais de um estado com dimensões maiores que muitos países.

Para isso, torna-se imprescindível que o futuro oficial, “produto”, dessa socialização organizacional precisa ser capaz de aliar o rigor da identidade militar com a flexibilidade exigida para realizar o policiamento de acordo com as especificidades geográficas e culturais inerentes a região. Por fim, diante do teatro de operações deve-se equilibrar a identidade profissional internalizada intramuros na Academia e a demanda operacional prática diante de uma população civil com diferentes características sociais e culturais que necessitam do fornecimento de segurança pública.

## REFERÊNCIAS



BISPO, Carlos Alberto Ferreira. Um novo modelo de pesquisa de clima organizacional. *Prod. São Paulo*, v. 16, n. 2, p. 258-273. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65132006000200007>. Acesso em 12 de out. 2024.

BRITO, Mozar José de; PEREIRA, Valéria da Glória. Socialização organizacional: a iniciação na cultura militar. *RAP*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, p. 138-165, jul./ago. 1996. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=cultura+organizacional+militar+&btnG=#d=gs\\_qabs&t=1728418244591&u=%23p%3DQVr\\_Wj8rh74J](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=cultura+organizacional+militar+&btnG=#d=gs_qabs&t=1728418244591&u=%23p%3DQVr_Wj8rh74J). Acesso em: 12 out. 2024.

CASTRO, Celso. Antropologia dos militares no Brasil: problemas, limites e perspectivas. Fgv, 2015. Disponível em : <https://hdl.handle.net/10438/15253>. Acesso em: 12 out. 2024.

CASTRO, Celso. O espírito militar: um antropólogo na caserna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

DaMATTA, Roberto. “ Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade”. *Revista Mana*, 6 (1), 7-29. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/LGrnPBFmYhGZKwBmz447KYS/?format=html&stop=previous>. Acesso em: 12 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE – Revista de Administração de Empresas*. São Paulo. V. 35. n. 3. p. 21. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 out. 2024.

SILVA, R. Entre a caserna e a rua: O dilema do “pato”. Uma análise antropológica da instituição policial militar a partir da Academia de Polícia Militar D. João VI. 2009. Disponível em : <https://app.uff.br/riuff/handle/1/9474> . Acesso em: 12 de out. 2024.

VEIGA, Célia Cristina Pereira da Silva; SOUZA, José dos Santos. Pedagogia militar: do conceito a sua aplicação. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, v. 19, p. e019045, 2019. DOI: 10.20396/rho.v19i0.8654942. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8654942>. Acesso em: 10 set. 2024.